

28/06/2021



DIÁLOGO INTERGERACIONAL DE LÍDERES E JUVENTUDE

TEMA

Diversidade cultural e patrimonial da África e das suas diásporas: uma fonte de conflito ou um terreno fértil para a paz?

04 de outubro de 2021

Nota Conceptual

Introdução

"Meu coração tornou-se capaz de todas as formas:
É pasto para as gazelas e mosteiro para monges cristão,
É um templo para ídolos e o Caba do peregrino,
E as Tabuas do Torá e o livro do Alcorão.
Professo a religião do amor,
Eu sigo a religião do Amor: qualquer direção
Que tomarem os camelos do Amor,
Lá está minha religião e a minha fé! »

Ibn' Arabi (Místico sufies do século XII)

Por si só, este slam, diriam hoje os jovens, é um resumo feliz e bastante poético do problema subjacente ao tema do atual diálogo intergeracional: *diversidade cultural e patrimonial de África e das suas Diásporas: uma fonte de conflitos ou terreno fértil para a paz?*

Um elemento central de qualquer património cultural, religião (revelado ou animístico; importado ou endógeno) é, sem dúvida, muito decisivo na construção das identidades dos indivíduos. Esta construção de autoidentidade tende historicamente a ser feita em oposição à outra, aquela que não somos nós: a diferente. Isto diferente é, por excelência, aquele que não partilha a nossa fé. Esta diferença entre os outros torna-se, portanto, um sinal de uma ameaça à nossa fé e, portanto, uma ameaça à nossa cultura, à nossa civilização. Todos têm a sua fé, a sua cultura pela qual se definem como seres, por isso ninguém quer abdicar dela correndo o risco de desaparecer. É assim que a diversidade religiosa, cultural e patrimonial se torna uma fonte de conflito.

Ancorado na sua fé e, portanto, na sua cultura, Ibn Arabi, o autor deste poema, canta, no entanto, uma mensagem de paz, fazendo-nos entender que há sempre um possível diálogo onde existe diversidade cultural e religiosa. É sempre possível para nós, sem renunciar à nossa identidade cultural e religiosa, sem nos negarmos a identidade, abrimo-nos aos outros, enriquecermo-nos ao seu lado, com eles e construirmos uma forma de vivermos juntos. Para Ibn Arabi, às identidades culturais e religiosas assassinas, é necessário opor-se e construir tecelões de identidades culturais e religiosas. Este é todo o significado do diálogo intercultural e inter-religioso que se baseia na ideia e na promessa de que a diversidade cultural e patrimonial é, por si só, um humus favorável à construção de laços sociais fertilizantes, à germinação da paz.

A UNESCO lançou e reiterou este apelo ao diálogo intercultural e inter-religioso para a vida em conjunto e a paz através de vários instrumentos normativos, como a Convenção para a *Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* (outubro de 2003) e a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das *Expressões Culturais* (outubro de 2005).

No entanto, há que notar que este apelo salutar ao diálogo intercultural e inter-religioso nem sempre é ouvido no terreno. Em todo o continente, as diferenças de identidade nem sempre são experimentadas de forma harmoniosa e o diálogo intercultural e inter-religioso é, de facto, posto à prova, por exemplo, pelas ações de muitos grupos jihadistas contra outras comunidades culturais e religiosas e contra as autoridades estatais. Muitas vezes inspirados pelo Islão salafista, estes grupos fundamentalistas e radicais são resistentes a qualquer diálogo intercultural e inter-religioso, defendendo uma rutura simbólica com outras comunidades e demonstrando uma rejeição de outras religiões.

Esta rejeição do diálogo intercultural e inter-religioso é também o resultado de algumas igrejas evangélicas, onde muitos líderes e fiéis vêem outras crenças como forças diabólicas a serem combatidas e, portanto, se envolvem num proselitismo combativo dirigido a essas outras crenças, sejam elas alienígenas ou indígenas.

Perante este desafio colocado pela questão da identidade no continente, há, no entanto, e felizmente, muitas iniciativas (por parte das autoridades públicas e/ou da sociedade civil) que promovem o diálogo intercultural e inter-religioso para a coesão social e a paz, em quase todo o continente. Algumas destas iniciativas são levadas a cabo por jovens e suas organizações.

Este diálogo intergeracional será também uma oportunidade para a UNESCO de anunciar o lançamento de uma iniciativa global para a criação de uma Rede Ministerial da Juventude. Como plataforma de decisores de alto nível e jovens e suas organizações, a rede terá como objetivo ser um fórum de reflexão e partilha de experiências e boas práticas entre países e regiões do mundo que possam inspirar, em termos de respostas adequadas, políticas públicas eficazes para resolver problemas comuns no domínio da educação, emprego, saúde, bem-estar, etc. dos jovens.

Objetivos

Assim, os participantes neste diálogo:

1. Partilhar e discutir as suas experiências nacionais na apropriação política e legislativa dos referidos instrumentos normativos (e muitos outros) com vista a criar condições para que as culturas floresçam e interajam livremente, de modo a enriquecerem-se mutuamente; a fim de incentivar o diálogo entre culturas, a fim de assegurar intercâmbios culturais mais intensos e equilibrados a favor do respeito intercultural e de uma cultura de paz.
2. Criar um espaço para os jovens se recriminarem e partilharem (reportando sobre atividades e projetos, etc.) a sua experiência identitária em frente a outros, o seu compromisso com o diálogo intercultural e inter-religioso para a paz em ação, diariamente.
3. Aproveitar esta plataforma de alto nível sobre como promover concretamente, nos Estados africanos e na Diáspora, o respeito pela diversidade cultural e patrimonial por

uma coexistência pacífica das múltiplas identidades culturais de África. E como podemos responder ao desafio da crescente diversidade de origens e opiniões nas nossas sociedades e promover, neste contexto, a cultura da paz?

RESULTADOS ESPERADOS

1. Adoção de um projeto de programa regional conjunto UNESCO-União Africana para promover o diálogo intercultural e inter-religioso como um instrumento de transformação de conflitos, prevenção do extremismo, construção e consolidação da coesão social e da paz; programa que envolva os jovens e as suas organizações.
2. Formalização do lançamento da iniciativa global da UNESCO para a criação de uma Rede Ministerial da Juventude.

PARTICIPANTES

No que diz respeito aos líderes, os participantes neste fórum serão:

- Chefes de Estado e de Governo;
- Ministros encarregados da Juventude/Cultura;
- Os Comissários da CUA e das Comunidades Económicas Regionais responsáveis pela Juventude;
- Representantes da UNESCO;
- Representantes das Nações Unidas, DACO, organizações internacionais e parceiros técnicos e financeiros convidados para a Bienal;
- Representantes da Direção dos Cidadãos e da Diáspora da AUC (CIDO);
- Líderes religiosos e tradicionais.

Quanto aos jovens (150 jovens de todos os países da UNIÃO Europeia e 21 países da Diáspora) serão convidados a participar neste fórum online, devido a 50% das mulheres jovens e 50% dos homens jovens, ou seja, duas pessoas (uma mulher e um homem se possível) por país. Estes jovens serão selecionados entre os membros dos Conselhos Nacionais da Juventude, as Coordenações Nacionais da Rede Pan-Africana de Juventude para a Cultura da Paz (PAYNCOP), a ¹Rede De Juventude do ICESCO para a Paz e Segurança e outros líderes e organizações juvenis, através de um processo de candidatura. O processo de candidaturas será conduzido por um comité de juventude ad hoc.

¹Lançado oficialmente em dezembro de 2014, sob os auspícios da UNESCO e da UA, com o apoio do Governo da República Gabonesa, no âmbito do apelo à criação de um "Movimento Continental e Sustentável para a Paz" do "Plano de Ação *para uma Cultura de Paz em África/Ato para a Paz*", adotado em 2013, no Fórum Pan-Africano sobre "Fontes e Recursos para uma Cultura de Paz", o PAYNCOP é uma organização continental presente em alguns países. O Seu Secretariado Permanente é hospedado pelo Gabão.

28/06/2021

No entanto, um número limitado de dez (10) jovens continuará a participar presencialmente neste diálogo e fará, conseqüentemente, a viagem a Luanda. Serão escolhidos, por um lado, sob a responsabilidade das três Organizações, entre os jovens líderes associativos reconhecidos pela ONU, UNESCO, AUC e ICESCO; e, por outro lado, sob a responsabilidade do Comité da Juventude Ad Hoc, entre os 150 jovens que serão selecionados no final do convite à candidatura.

Esta lista de dez (10) jovens terá em conta o equilíbrio de género e a representatividade da Diáspora.